

André Carvalho

“Lost in Translation”

16 Out 2021
21:00 Sala 2

OUTONO EM JAZZ
SUPER BOCK

André Carvalho contrabaixo, composição

José Soares saxofone

André Matos guitarra

A Humanidade caminha numa direcção em que o mundo está cada vez mais interligado. Em menos de 50 anos, desenvolvemos novas formas de comunicação, não só mais rápidas e acessíveis, como também capazes de transmitir mais facilmente o que queremos dizer. Aparentemente, o espaço para o desentendimento deveria ser menor. No entanto, continuamos a ter momentos em que não conseguimos expressar exactamente o que pensamos ou sentimos, faltando-nos palavras que sirvam este propósito. Estas seriam extremamente úteis para tornar o discurso mais claro.

Se é um facto que há, e provavelmente sempre haverá, uma lacuna entre significado e interpretação, emoção e intenção, também é verdade que ao expandirmos o nosso léxico aumentamos automaticamente a nossa capacidade de expressão. Não havendo, no entanto, a dita palavra na nossa língua, não significa que não exista numa outra.

Foi desta forma que as palavras ditas intraduzíveis entraram no meu mundo, levando-me a escrever um novo ciclo de composições que intitulei “Lost in Translation”. Palavras que só existem em determinada língua e cujo significado exige várias palavras para ser expresso noutra idioma. Estas palavras podem ser a solução para algo em que já pensámos, mas nunca soubemos como o expressar. Ou podem, por outro lado, significar coisas em que nunca pensámos, abrindo assim a visão para outras perspectivas e cultivar a imaginação.

As palavras são ferramentas, sem a menor dúvida, e como qualquer ferramenta surgem de uma necessidade. É por isso curioso notar que numa certa cultura não haja palavras que signifiquem uma ideia, um objecto ou uma acção, mesmo que isto esteja presente nas vidas das pessoas. Ao mesmo tempo, uma outra cultura sentiu a necessidade de criar a sua própria palavra. É também muito curioso notar que algumas destas palavras estão ocasionalmente associadas a um estilo de vida, uma geografia ou até mesmo à filosofia de uma dada cultura. Um excelente exemplo é *Karelu*, uma palavra Tulu que significa a marca deixada na pele por se usar algo apertado.

Apesar de estarmos sistematicamente a querer diferenciá-los e deixar a nossa marca no mundo, a verdade é que somos todos feitos da mesma matéria. É por isso que as línguas são tão importantes e responsáveis pelo processo de aculturação. É neste processo que a identidade de uma civilização é criada e, para mim, são estas características tão distintas que fazem com que o nosso mundo seja tão especial e a Humanidade tão interessante.

Tal como as línguas, a música é ela própria uma língua, curiosamente uma língua universal. É esta ligação entre língua e música, palavras únicas e momentos musicais singulares que “Lost in Translation” explora. Aprender uma nova palavra já é algo gratificante, por si só, mas se esta aprendizagem estiver de alguma forma relacionada com música, a experiência e a aprendizagem será mais profunda.

Wittgenstein disse: “os limites da minha língua significam os limites do meu mundo”. Acredito realmente nisto e é por isso que acredito que, ao aprendermos novas palavras, a nossa consciência se torna mais sensível aos outros, nos tornamos mais empáticos e o nosso mundo se torna mais rico.

ANDRÉ CARVALHO

O disco de estreia do trio de André Carvalho com José Soares e André Matos conta com o apoio da Antena 2, da Fundação GDA, da Companhia de Actores e do Teatro Municipal Amélia Rey Colaço. O grupo explora as composições de Carvalho com uma abordagem aberta, usando texturas, sons e dinâmicas como veículo para exprimir auditivamente cada uma das palavras intraduzíveis escolhidas. O álbum foi lançado a 15 de Outubro de 2021, pela editora americana Outside in Music.

André Carvalho

André Carvalho tem sido descrito como criador de música “deste e do outro mundo” (AllAboutJazz), um contrabaixista “que devem conhecer” (Nate Chinen, *The New York Times*). A residir em Nova Iorque desde 2014, tocou com nomes importantes do jazz como Chris Cheek, Will Vinson e Tommy Crane. Apresentou-se em palcos como a Blue Note de Nova Iorque, a Konzerthaus de Berlim, a Casa da Música do Porto e os festivais de jazz Colors (Paris), do Cairo e de Ljubliana.

De entre os muitos prémios que recebeu estão o Prémio Carlos Paredes 2012 (com o seu disco de estreia *Hajime*) e o “Best Group” no Bucharest International Jazz Competition 2011. Foi ainda várias vezes vencedor de bolsas da Fundação GDA, nomeadamente para gravar o seu segundo álbum, *Memória de Amiba*, o novo *Lost in Translation* e também para digressões com os seus grupos em 2017 e 2019. Elogiado pelos *media* como “um estudo sonoro de contrastes” (NYJazzRecords), o seu terceiro álbum *The Garden of Earthly Delights* (Outside in Music) foi considerado para os Grammy 2019. André Carvalho apresentou-o pela Europa e pelos EUA em locais como o Museu Nacional de Arte Antiga (Lisboa), a Blue Note (Nova Iorque), o Color Jazz Fest (Paris) e o Centro Andaluz de Arte Contemporânea (Sevilha). A suite em 11 andamentos, escrita para sexteto, foi inspirada no enigmático tríptico *O Jardim das Delícias Terrenas* do pintor holandês Hieronymus Bosch.

A esfera de acção do seu trabalho estende-se muito para além do jazz. Fez uma digressão pela Europa com Gilberto Gil, apresentando a nova ópera *Prelúdio* da lenda viva da música brasileira. A colaboração incluiu a Nova Ópera de Lisboa e o grupo de percussão Cortejo Afro, que estreou partes do novo trabalho em locais como o Barbican Center (Londres) e o Finlândia-talo (Helsínquia). Tocou ainda com maestros como Gustavo Dudamel, Heinrich Schiff e Franz Welser-Möst e colaborou com os fadistas Carlos do Carmo e Cristina Branco.

José Soares

José Soares iniciou os estudos musicais na Sociedade Filarmónica Santanense, no concelho da Figueira da Foz, prosseguindo-os no Conservatório de Música David de Sousa da Figueira da Foz, com José Firme; na Escola Profissional de Música de Espinho (EPME), com Francisco Ferreira, Gilberto Bernardes e Fernando Ramos; e na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo (ESMAE), na classe de saxofone jazz de Mário Santos, tendo também a oportunidade de trabalhar com Nuno Ferreira, José Pedro Coelho, Abe Rábade, Michael Lauren e Paulo Perfeito, entre outros.

Ao longo do seu percurso musical frequentou masterclasses e workshops com diferentes artistas tais como: Dick Oatts, Chris Cheek, Mark Turner, Chris Lightcap, Kendrick Scott, Phil Markowitz, Tony Malaby, Aaron Parks, Danilo Perez e Ralph Alessi. Lidera o seu quarteto em Portugal, com Mané Fernandes, Francisco Brito e Marcos Cavaleiro. Os seus outros projectos em Amesterdão contam com a participação de Fuensanta Mendez (México) e Alistair Payne (Escócia), no trio Persel; o pianista Harmen Fraanje (ECM

Records) e a baterista coreana Sun Mi Hong em Fraanje/Soares/Hong; Joris Roelofs, Jort Terwijn, Giacomo Camiletti e Youngwoo Lee em Quinteto. Além dos seus projectos, é membro integrante de várias formações, em Portugal e no estrangeiro, em diversos estilos musicais: Guy Salamon Group, Youngwoo Lee Quartet, Pedro Melo Alves' Omniae Ensemble, AXES de João Mortágua, Mané Fernandes Quintet, Liquid Identities, Adrian Moncada Sextet, Jeffery Davis Quinteto (For Mad People Only), H V I T de João Grilo, Eduardo Cardinho Quinteto (Black Hole) e Old Mountain, entre outros.

Entre as colaborações especiais de Soares premiadas pela crítica, destacam-se as seguintes: vencedor do melhor disco de jazz português (Jazz Logical, 2015) com o Ensemble Super Moderne; melhor disco de jazz português (Jazz.pt 2017) com Pedro Melo Alves' Omniae Ensemble; melhor disco nacional com João Mortágua' AXES (JazzLogical, 2017); vencedor do Keep an Eye Records (2018) com o Guy Salamon Group (Amesterdão); finalista do Keep an Eye Foundation com Liquid Identities (Amesterdão, 2019). Em Dezembro de 2019, José Soares apresentou-se em nome próprio (a convite da Associação Porta-Jazz, Porto) ao lado de Harmen Fraanje e Joris Roelofs. Foi solista convidado (Novembro de 2018) da Orquestra de Jazz de Matosinhos, da Orquestra de Jazz de Espinho com Hermeto Pascoal e da Orquestra Clássica de Espinho.

André Matos

O guitarrista português André Matos, natural de Sintra e residente em Nova Iorque desde 2008, tem editados nove álbuns em seu nome. Os últimos cinco — *Múquina*, *Nome de Guerra*, *Earth Rescue*, *Casa e Estelar*, editados pela Robalo Music — fazem parte dum ciclo de guitarra solo ao qual se tem dedicado nos últimos anos. Para além deste recente projecto, tem desenvolvido várias colaborações nos universos do jazz e das canções, das quais se destaca a parceria com a cantora Sara Serpa, com quem editou dois álbuns amplamente reconhecidos pela imprensa — *Primavera* e *All The Dreams*.